



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP COM JEFFERSON DE LUCA GUERRA

**A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
O CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA**

**Rio de Janeiro
2019**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP COM JEFFERSON DE LUCA GUERRA

**A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL:
O CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA**

Artigo científico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares.

**Rio de Janeiro
2019**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEx - DESMil
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Com JEFFERSON DE LUCA GUERRA**

Título: **A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O
CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA**

Artigo científico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ *CONCEITO:* _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
DARDANO DO NASCIMENTO MOTA – Maj Cmt Curso e Presidente da Comissão	
CEZAR FLORES MALHADA JÚNIOR – Cap 1º Membro e Orientador	
AUGUSTO DA SILVA GUIMARÃES – Cap 2º Membro	

JEFFERSON DE LUCA GUERRA – Cap
Aluno

A guerra apresenta, através da marcha evolutiva da civilização, aspectos marcantes do grau de desenvolvimento desta, e constantemente, porque é um momento de vida social intensa, reage sobre ela, impulsionando o seu progresso em diversos sentidos....a prática da guerra foi o meio único capaz de lhe proporcionar exercício intenso de sua capacidade de ação. Foi, aliás, a guerra que excitou o desenvolvimento de certos sentimentos benévolos no homem, tais como o de solidariedade e o de subordinação à coletividade que o enquadra, até o próprio e voluntário sacrifício, e que lhe aguçou a inteligência. Com ela adquiriu ele as noções de organização e disciplina, e o senso da preponderância das realidades práticas sobre as puras construções da imaginação.

(JOÃO BATISTA MAGALHÃES)

A ENTRADA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O CONTEXTO HISTÓRICO DA ÉPOCA

Jefferson de Luca Guerra
Cezar Flores Malhada Júnior

RESUMO

O presente trabalho aborda as questões e motivações que levaram o Brasil a declaração de guerra, no período da Segunda Guerra Mundial, contextualizado com os acontecimentos da década de 1930 e 1940. O conteúdo do trabalho procura seguir uma linha cronológica e por fontes para tentar responder os acontecimentos que conduziram a escalada da crise, chegando a tal ponto que o presidente Getúlio Vargas tivesse que decidir em uma declaração de beligerância e posteriormente a uma declaração de guerra aos países do Eixo. Essa declaração de guerra acabou levando o Brasil a participar nos campos de batalha da Europa, na Segunda Guerra Mundial, com uma quantidade considerável de tropas e de materiais, sendo um marco na história do país. O trabalho se utiliza de fontes conhecidas e de reconhecida confiabilidade, abordando trechos dessas fontes sobre o tema em questão, incluindo também trechos de uma entrevista realizada com autoridade de notório saber em História Militar. O trabalho também aborda as consequências para o Exército Brasileiro com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, e o que esse fato histórico trouxe de contribuições para a modernização da nossa Força Terrestre.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. O Brasil na Segunda Guerra Mundial. Getúlio Vargas. Contexto histórico. Política Externa. Força Expedicionária Brasileira (FEB).

ABSTRACT

This paper addresses the issues and motivations that led Brazil to the declaration of war in the period of World War II, contextualized with the events of the 1930s and 1940s. The content of the paper seeks to follow a timeline and sources to try to answer the events that led to the escalation of the crisis, to the point that President Getulio Vargas had to decide on a declaration of belligerence and subsequently a declaration of war on the Axis countries. This declaration of war eventually led Brazil to participate in the battlefields of Europe in World War II, with a considerable amount of troops and materials, being a milestone in the history of the country. The work uses well-known sources of recognized reliability, covering excerpts from these sources on the subject in question, as well as excerpts from an interview with a well-known person in Military History. The work also addresses the consequences for the Brazilian Army with the participation of Brazil in World War II, and what this historical fact brought contributions to the modernization of our Ground Force.

Keywords: Second World War. Brazil in World War II. Getulio Vargas. Historical context. Foreign Policy. Brazilian Expeditionary Force (BEF).

1 INTRODUÇÃO

O Brasil da década de 1930 era muito diferente dos dias de hoje em vários aspectos, tais como políticos, sociais, culturais, econômicos e militares. Uma década conturbada com inúmeros acontecimentos importantes na história do país, revoluções, revoltas, golpes e tentativas de golpe de estado e alterações nas políticas externa.

A partir do ano de 1930, o Brasil passou a ter como presidente o senhor Getúlio Vargas, empossado após uma Revolução Civil-militar, conhecida como Revolução de 1930, capitaneada pelo próprio Getúlio Vargas, pondo fim ao período da República Velha. Seria ele o presidente que, doze anos mais tarde, declararia guerra aos países do Eixo na Segunda Guerra Mundial, contrariando, nesse período, sua imagem de aproximação com regimes ditatoriais nazistas e fascistas.

Sete décadas depois de o presidente Getúlio Vargas enviar a Força Expedicionária Brasileira ao *front* europeu, as razões que levaram o País a entrar na Segunda Guerra Mundial ainda são alvo de grandes discussões. (MONTEIRO, 2013, p. 1)

McCann (1995, p. 145) afirma que a política brasileira, antes mesmo do início da Segunda Guerra Mundial em 1939, “visava a alcançar um equilíbrio entre interesses americanos e alemães na economia nacional, de tal modo que o País não fosse totalmente dependente de nenhum país estrangeiro.” Afirma também que desalinhado em relação a qualquer dos dois lados da guerra, “Vargas buscou obter algum benefício de ambos.”

Em meados de 1941, já em plena guerra europeia, os planejadores militares dos Estados Unidos da América (EUA) convenceram-se de que a Alemanha e seus aliados só poderiam conseguir a vitória com o domínio dos mares, particularmente o Atlântico. Em consequência dessa conclusão, o presidente Roosevelt (EUA) determinou a transferência de parte da esquadra do Pacífico para o Atlântico, via Canal do Panamá, e essa decisão estratégica, tomada dia 22 de maio de 1941, foi transmitida ao chanceler brasileiro Oswaldo Aranha (SILVEIRA, 1994, p. 17).

Em consequência da velocidade em que o exército alemão avançava na Europa, passando a ocupar a França em 1940 e, principalmente, após o ataque em Pearl Harbor em dezembro de 1941, cresce a preocupação com uma possível ameaça dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) ao continente americano. Somente em 1942 o Brasil reconhece o estado de beligerância, declarando, posteriormente, guerra aos países do Eixo.

O presente estudo, alinhado com o assunto científico proposto pelo Comando de Operações Terrestres – COTER à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais – EsAO, busca entender “a importância da defesa ao longo da História do Brasil”, com

o tema delimitado a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945).

Para isso, a pesquisa foi enquadrada ao contexto histórico da época, com objetivos que buscam compreender a escalada da crise e as principais motivações que levaram o Brasil a declaração de guerra contra os países do Eixo e, conseqüentemente, a sua participação com Força Expedicionária no Teatro de Operações da maior guerra de todos os tempos.

Como objetivo secundário dessa pesquisa, também busca-se compreender as conseqüências para o Exército Brasileiro após a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

..um drama gigantesco, muito pouco (ou quase nada) conhecido dos brasileiros, parte relevante de nossa história recente. Os torpedeamentos de agosto de 1942, que dizimaram famílias inteiras, marcaram para sempre as vidas de centenas de sobreviventes e jogaram o Brasil no maior conflito bélico da história, não podem ser esquecidos. A partir de suas dolorosas lembranças, devemos fazer o possível para que fatos como esse nunca mais se repita (MONTEIRO, 2013, p. XXII).

1.1 PROBLEMA

Podemos afirmar que o conhecimento de história militar é de suma importância para o aperfeiçoamento do oficial do Exército Brasileiro. O militar deve procurar manter familiarizado e entender os principais fatos históricos de nosso país, buscando compreender seus contextos, buscar ler e pesquisar as várias versões históricas de determinado assunto, almejando o crescimento de uma opinião concisa sobre esses acontecimentos que, inevitavelmente, constroem e moldam a nossa sociedade brasileira. Dessa maneira, sabendo o que ocorreu no passado, podemos tomar melhores decisões no futuro.

Portanto, no sentido de orientar a presente pesquisa científica foi formulado o seguinte problema:

Dentro do contexto histórico da época, buscando entender a escalada da crise, quais os motivos que levaram o Brasil a declaração de guerra aos países do Eixo? O que esse evento histórico trouxe como conseqüências ao Exército Brasileiro?

1.2 OBJETIVOS

A fim de determinar sobre os motivos que levaram o Brasil a declaração de guerra aos países do Eixo e o que isso trouxe como conseqüências para o Exército Brasileiro, o presente estudo pretende realizar pesquisas bibliográficas, de autores de reconhecida importância, na biblioteca da Escola de Aperfeiçoamento de

Oficiais (EsAO) ou em outras fontes confiáveis digitais ou físicas, e a realização de uma entrevista com pessoa de notório saber em História Militar.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a) Apresentar o que existe de bibliografia relativa ao assunto na biblioteca da EsAO e em outras fontes de consulta digitais ou físicas;
- b) Estudar toda a bibliografia encontrada, descendo as principais ideias e fatos sobre o tema;
- c) Realizar a comparação do estudo da bibliografia coletada para o desenvolvimento do assunto pesquisado;
- d) Analisar os ângulos distintos de cada bibliografia, ao consultar autores com diferentes pontos de vistas sobre o problema;
- e) Realizar uma entrevista com pessoa que tenha notório conhecimento sobre o assunto.
- f) Construir observações e conclusões sobre o objeto da pesquisa.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A execução da pesquisa justifica-se ressaltar a importância da defesa ao longo da História do Brasil, particularmente sobre a última participação em combate real do Exército Brasileiro, ocorrida na Segunda Guerra Mundial. Teremos como vantagens esperadas do presente trabalho o enriquecimento dos estudos sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, contribuindo com observações e conclusões sobre os motivos que levaram o Brasil a declaração de guerra aos países do Eixo, e o que esse fato histórico trouxe como consequência para o Exército Brasileiro, servindo de pressuposto teórico para outros estudos que sigam nesta mesma linha de pesquisa.

2 METODOLOGIA

Para colher subsídios que permitissem formular uma possível solução para o problema, o delineamento desta pesquisa contemplou a seleção das fontes de pesquisa baseada em publicações autores de reconhecida importância, leitura analítica, fichamento das fontes, entrevista, argumentação e discussão de

resultados.

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizaram-se, principalmente, os conceitos de pesquisa qualitativa, pois essa pesquisa trabalha com um universo de significados, motivos, valores e atitudes que não podem ser traduzidos em números.

Quanto ao objetivo geral, foi empregada a modalidade explicativa, tendo em vista já existir um razoável conhecimento disponível, notadamente escrito, acerca do tema.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Iniciamos o delineamento da pesquisa com a definição de termos e conceitos, a fim de viabilizar a solução do problema de pesquisa, sendo baseada em uma revisão de literatura desde o período de 1930. Essa delimitação baseou-se na necessidade de uma vasta análise da bibliografia existente dos antecedentes históricos e sobre posteriores estudos advindos da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Foram utilizadas as palavras-chave Brasil, Segunda Guerra Mundial, O Brasil na Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas, Contexto histórico, Política Externa Força Expedicionária Brasileira (FEB), na base de dados Rede de Bibliotecas Integradas do Exército (Rede BIE), em sítios eletrônicos de procura na internet e na biblioteca da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), sendo selecionados apenas a bibliografia da língua portuguesa.

2.2 COLETA DE DADOS

Na sequência do aprofundamento teórico a respeito do assunto, o delineamento da pesquisa contemplou a coleta de dados pela pesquisa bibliográfica a respeito do assunto e da realização de uma entrevista.

2.2.1 Pesquisa Bibliográfica

Forma da fonte	Nome da obra / site / canal	Autor	Ano
Livros	U-507 – O submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial	Marcelo Monteiro	2013
	Aliança Brasil-Estados Unidos	Frank D. McCann, Jr	1995

	A verdade sobre a FEB	Mal. Floriano de Lima Brayner	1968
	O Brasil na guerra e sua expressão máxima: a FEB	Joaquim Xavier da Silveira	1994
	As duas faces da glória	William Waack	1985
	A FEB pelo seu comandante	João Baptista Mascarenhas de Moraes	2005
	A estrada para Fornovo: a FEB, outros exércitos e outras guerras na Itália, 1944-1945	Fernando Lourenço Fernandes	2009
	O Brasil na II Grande Guerra	Manoel Thomaz Castello Branco	1960
	A evolução militar do Brasil	João Batista Magalhães	1998
	Autonomia na dependência	Gerson Moura	1980
Digital / Internet	Site Wikipedia: Brasil na Segunda Guerra Mundial	Enciclopédia livre	2019
	Canal YouTube: Buenas Ideias	Eduardo Bueno	2018
	Vídeo: O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL		
	Canal YouTube: TV Senado	Jimi Figueiredo	2017
	Vídeo: O Brasil na Segunda Guerra Mundial – Histórias do Brasil		
	Canal YouTube: Nerdologia	Filipe Figueiredo	2018
	Vídeo: A FEB e a Segunda Guerra Mundial		
	Canal YouTube: Se Liga Nessa História	Walter Solla Júnior	2015
	Vídeo: ERA VARGAS (Segunda Guerra Mundial, Estado Novo e Intentona Integralista)		
	Canal do YouTube: Brasil Paralelo	Filipe Valerim Lucas Ferrugem Henrique Viana	2018
Vídeo: (FILME) Era Vargas – O Crepúsculo de um Ídolo – Cap. 6 Série Brasil – A Última Cruzada			

QUADRO 1 – Quadro da pesquisa bibliográfica

Fonte: O autor

2.2.2 Entrevista

Com a finalidade de ampliar o conhecimento sobre o assunto, foi realizada uma entrevista exploratória, conforme quadro abaixo:

Nome da fonte	Justificativa
Coronel R/1 ANDRÉ CEZAR SIQUEIRA	Autoridade da EsAO com notório saber em História Militar

QUADRO 2 – Quadro de Entrevistado

Fonte: O autor

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segue em ordem de fontes e cronologicamente, os resultados e a discussão da presente pesquisa científica, com a finalidade de tentar solucionar o problema formulado.

3.1 FONTE: FRANK D. MCCAN JR

Primeiramente, segundo o norte-americano Frank D. McCann Jr, autor do livro “Aliança Brasil-Estados Unidos”, temos as seguintes informações:

Ao final do ano de 1937, o então presidente do Brasil, Getúlio Dornelles Vargas, após ter chegado ao poder mediante um golpe de Estado em 1930, levava a cabo uma ditadura e demonstrava sinais obscuros sobre o futuro da democracia na América. Os EUA estavam preocupados sobre a possibilidade do Brasil aliar-se, ou que estivessem cooperando com a Alemanha nazista. Com isso, o interesse americano no Brasil tendeu a crescer na década de 1930, visando uma política de boa vizinhança, frente ao crescimento do sentimento nazista da Alemanha. (MCCANN, 1995).

Vargas também sabia que, em um futuro próximo, seria melhor se aliar aos EUA do que com a Alemanha, pois sentia mais seguro e confiante sobre a capacidade militar dos EUA em ajudar na defesa do território brasileiro frente a algum tipo de ameaça (MCCANN, 1995).

Outro fator que contribuiu para a diminuição da influência nazista no governo brasileiro foi a inaptidão do embaixador alemão:

A rápida deterioração das relações teuto-brasileiras, entre janeiro e outubro de 1938, foi basicamente o resultado da inaptidão do Embaixador Ritter para lidar com os líderes brasileiros. Ele não revelou conhecimento algum do Brasil, do seu povo, e ignorou o mais fundamental requisito para fazer negócios no Brasil, literalmente, a necessidade de fazer amigos (MCCANN, 1995, p.89).

Somado a isso, temos o grande interesse da Alemanha no Brasil, que pode ser verificado no trecho: “Hitler incluiu o Brasil, na verdade toda a América do Sul, nos seus planos de ditadura mundial” (MCCANN, 1995, p.71).

Era real a preocupação de uma invasão nazista em território brasileiro, particularmente através do saliente nordestino, pois era apenas uma questão de 2.000 quilômetros e oito horas por ar, da África até o Brasil. Em 1939, um estudo americano concluiu que as forças brasileiras não eram fortes o bastante para salvaguardar o saliente nordestino e que somente com a ajuda dos EUA o Brasil tinha boas chances de vitória em caso de invasão (MCCANN, 1995).

Especialmente durante os dias sombrios de 1940, quando parecia que a Grã-Bretanha poderia sucumbir, diplomatas e planejadores militares americanos trabalharam diligentemente para proteger o Brasil. Embora os

Estados Unidos ainda fossem neutros, era evidente aos Departamentos de Estado e da Guerra que as Américas deveriam permanecer unidas. Se o Brasil se associasse ao Eixo, a fortaleza da América se tornaria vulnerável e o Atlântico Sul seria fechado ao transporte aliado; seria impossível suprir os ingleses cercados no Egito e se concederia aos alemães a dominação do Norte da África e a influência crescente no Oriente Médio. A partir daí, dividir o Sul da Ásia como os japoneses teria sido uma consequência lógica (MCCAN, 1995, p. 14).

Mas além das ameaças externas dos Países do Eixo, existia também as ameaças internas que pressionavam o governo de Vargas, e essa pressão vinha principalmente da ala militar que queria a modernização das Forças Armadas e estava deslumbrada com o poderio militar alemão no início da guerra.

O Governo do Brasil associou-se para o que desse e viesse com os Aliados. Como ficou claro que a Grã-Bretanha não se renderia e que os EUA estavam compromissados em defender o Brasil, a atração pela Alemanha murchou. O ano de 1940 foi o mais crítico das relações Brasil-Estados Unidos no século XX e marcou a inflexão de Washington em seus reforços de impedir a dominação germânica do Brasil. Vargas continuava a mover-se lenta e cautelosamente, mas, depois de 1940, agia assim mais devido a pressões internas do que por ameaça do Eixo. Essas pressões eram enormes e mantiveram as relações Brasil-Estados Unidos num estado de incerteza até 1942, mas não eram suficientes para reverter a tendência no sentido da cooperação iniciada em 1940 (MCCANN, 1995, p.173).

Assim como o Brasil necessitava da ajuda dos EUA na questão da defesa nacional, os EUA precisavam do Brasil para alimentar o esforço de guerra, se tivesse que entrar com tudo na Segunda Guerra Mundial. Os EUA eram dependentes do Brasil na questão de matérias-primas.

Embora a guerra expusesse de modo cruel a dependência do Brasil aos investimentos, importações e mercados internacionais, também proporcionava uma oportunidade sem paralelo de construção de uma infraestrutura para apoiar o seu desenvolvimento econômico, sob um controle nacional. deve-se reconhecer que os EUA necessitavam urgentemente de vários produtos brasileiros. O Brasil era, por exemplo, a única fonte disponível de cristal de quartzo que as forças militares norte-americanas, em rápida expansão, necessitavam para os seus equipamentos rádio; a questão era simplesmente a seguinte: sem cristais não há rádio; sem rádio não há comunicações de campanha. Minério de ferro e borracha eram do mesmo modo de enorme valor estratégico. ... Era também do interesse nacional norte-americano reduzir a dependência brasileira aos Estados Unidos pela simples razão de que os EUA necessitavam de seus escassos transportes para outras coisas além de carregar carvão, petróleo, papel de jornal e sobressalentes para o Brasil (MCCAN, 1995, p. 299).

MCCann relata em seu livro sobre os graves acontecimentos de agosto de 1942, quando houveram os ataques dos submarinos alemães a navios brasileiros na costa nordestina:

Em cinco dias, os alemães haviam interrompido as comunicações marítimas com o Nordeste e obtido o que a diplomacia dos EUA só superficialmente havia conseguido: unir os brasileiros contra eles. Até o Exército clamava por sangue...O Brasil se contorcia em repulsa. Em todo

o País o povo se fez às ruas buscando vingança em qualquer coisa ou pessoa de origem ou simpatia alemã (MCCANN, 1995, p.230).

Também podemos ver a precariedade do Exército Brasileiro naquela época, diante de uma provável entrada nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial, e sobre a necessidade do apoio dos EUA para essa empreitada.

Uma confusa variedade de armas prejudicava o Exército Brasileiro em matéria de organização e treinamento para a guerra que, no final, viu-se forçado a se voltar para os EUA, em busca de armas (MCCANN, 1995, p.95)

Embora uma tal adesão carregasse consigo graves perigos e até uma 'certa submissão' incompatível com a soberania e os interesses nacionais brasileiros, era necessário aceitar os riscos, porque o Brasil por si mesmo não seria capaz de proteger suas terras e riquezas inexploradas. ... Mas agora, o Brasil ganhava os atributos de uma nação e se o país não se aliasse 'material, moral e militarmente aos Estados Unidos, seu futuro seria de todo mundo, menos dos brasileiros (MCCANN, 1995, p. 282).

A finalidade de Vargas era dupla – aumentar a participação militar do Brasil para assegurar uma posição internacional mais forte e envolver as Forças Armadas em atividades de defesa, para afastá-las do jogo do poder. As normas nacionais e a ambição pessoal fundiam-se convenientemente (MCCANN, 1995, p.242).

Mas a guerra oferecia aos líderes brasileiros uma oportunidade de materializar os acalentados sonhos de poder e prestígio internacionais, e esperavam que a participação nos combates assegurasse o *status* pós-guerra do Brasil. Tinham que mostrar ao mundo que sua gente não se limitava a uma raça de plantadores de café e sambistas, mas também de corajosos combatentes que podiam defender sua terra e seus interesses. ... A guerra proporcionava uma oportunidade de recobrar as forças da nação, abalada ainda pela turbulência dos anos anteriores, em torno do pavilhão auri-verde. Ter tropas no exterior constituiria o ponto focal da unidade entre os brasileiros. ... Vários grupos e indivíduos tinham motivos próprios para buscar um papel mais ativo na guerra. Para Vargas, a participação armada significava tempo para reestruturar seu governo segundo uma orientação mais populista, enquanto o povo era distraído pelos fatos militares. Para a facção democrata, a participação era um comprometimento de que o Governo que enviava tropas para combater o nazi-facismo restauraria, evidentemente, a democracia. Para as Forças Armadas, era uma oportunidade sem paralelo de se tornarem uma força de combate moderna, de estatura internacional, fortalecendo, desse modo, sua participação na sociedade brasileira e frente às Forças Armadas dos países vizinhos. Para alguns oficiais, a guerra significava uma purificação da antiga imagem pró-nazista que eles tinham (MCCAN, 1995, p.271 e 272).

A declaração oficial de guerra foi no ano de 1942, mas as tropas brasileiras só combateriam no *front* da Segunda Guerra Mundial em 1944, dois anos depois. Durante todo esse tempo, permanecia a desconfiança sobre a capacidade que o país tinha para enviar uma Força Expedicionária.

Uma anedota começou a se espalhar, segundo a qual Hitler estaria dizendo que a FEB viajaria no dia em que as cobras brasileiras viessem a fumar cachimbo. Num exemplo delicioso do humor brasileiro, uma cobra fumando se tornou o símbolo da FEB. ... O orgulho do Brasil, o prestígio do Brasil dependiam de ver a FEB em combate (MCCANN, 1995, p. 294).

Com a vitória da FEB sobre a Alemanha nazista em 1945, nos campos de batalha da Itália, percebemos o quanto a participação do Brasil na guerra foi importante para evitar consequências desastrosas em toda a América e para a modernização de sua doutrina militar, onde segundo McCann (1995, p.324) afirma que "...foi o símbolo da transformação da proeminência francesa para a norte-americana na vida intelectual e cultural do Exército e da sociedade brasileira. ... Por motivos seus, os norte-americanos queriam que a FEB se cobrisse de glória."

Felizmente, o Brasil, ao final, associou-se aos aliados e o Atlântico Sul não apenas permaneceu aberto como também tornou-se a principal rota de suprimento até a África e o Extremo Oriente. Engenheiros americanos transformaram Natal, no Nordeste do Brasil, num trampolim que lançava suprimentos das fábricas americanas às frentes de guerra - 'um trampolim para a vitória'. Enquanto as bases brasileiras facilitavam o suprimento e as tropas brasileiras registravam vitórias na Itália, os trabalhadores brasileiros, assessorados por técnicos americanos, instalavam os gigantescos altos-fornos em Volta Redonda, que visavam constituir a base da indústria pesada brasileira. Os esforços de desenvolvimento do tempo de guerra produziram mudanças duradouras na economia brasileira, das quais e não menos significativa foi fazer São Paulo o maior parque industrial da América Latina e a área urbana de mais rápido crescimento do Hemisfério Sul (MCCANN, 1995, p.14).

A história da campanha na Itália é perpassada de nomes e acontecimentos famosos. Embora a participação em combate do Brasil tenha sido pouco percebida nos Estados Unidos, devido às ações mais abrangentes das tropas americanas, ela se revestiu de considerável importância na História do Brasil e para as relações interamericanas. Era a primeira vez que soldados latino-americanos combatiam na Europa, e o Brasil foi a única nação latino-americana a enviar tropas terrestres para o conflito na Segunda Guerra Mundial. Os resultados foram imediatos e de longo alcance. O Brasil tornou-se potência militar proeminente na América Latina e as Forças Armadas brasileiras passaram, gradativamente, a dominar a política nacional (MCCANN, 1995, p.13).

A Segunda Guerra Mundial elevou o grau de modernização das Forças Armadas e de profissionalização dos oficiais, mas acabou por intensificar a sua politização.

Se o golpe de 29 de outubro de 1945, por um lado, afastou um ditador civil, por outro, assegurou a participação militar no processo político do pós-guerra e contribuiu para o estabelecimento do regime militar de 1964, viabilizando a necessidade dos políticos de se comportarem com responsabilidade (MCCANN, 1995, p.348).

3.2 FONTE: MARCELO MONTEIRO

Segundo o autor brasileiro Marcelo Monteiro, autor do livro "U-507 – O submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial" temos as seguintes informações:

No início da Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas defendia a ideia de que o Brasil deveria manter-se neutro. Tanto que, em 2 de setembro de 1939, regulamentou o Decreto-lei 1561, com determinações explícitas sobre a neutralidade oficial brasileira. "O governo do Brasil abster-se-á de

qualquer ato que, direta ou indiretamente, facilite, auxilie ou hostilize a ação dos beligerantes. Não permitirá também que os nacionais ou estrangeiros residentes no País pratiquem ato algum que possa ser considerado incompatível com os deveres de neutralidade do Brasil”, dizia o artigo primeiro (MONTEIRO, 2013, p.24).

Podemos observar também o interesse da Alemanha em nosso território conforme a citação de Monteiro (2013, p.12) “Rumores indicam que Adolf Hitler e Benito Mussolini têm planos de implantar espécies de filiais de seus regimes no Brasil, que, após a guerra, pode ser dividido entre a Alemanha e Itália.”

O chanceler brasileiro Oswaldo Aranha foi de significativa importância naquele contexto histórico, pois sua presença garantia aos Estados Unidos um sólido alicerce dentro do governo brasileiro. Durante os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial, as vantagens comerciais oferecidas pelo livre comércio entre os dois países, o financiamento da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), o aparelhamento militar brasileiro com recursos americanos, a criação do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira, aproximaram definitivamente o Brasil dos Estados Unidos (MONTEIRO 2013).

A aproximação com Washington reflete a força do chanceler Oswaldo Aranha no seio do governo. Desde o começo da guerra, praticamente sozinho, o então ex-embaixador brasileiro nos Estados Unidos trava uma queda de braço como os líderes militares, que pregam uma aliança com os nazifascistas. ... Mas o chanceler, ao que parece, está vencendo a sua batalha quase solitária em favor dos ianques (MONTEIRO, 2013, p.12).

O Brasil é cobiçado pelos beligerantes devido, principalmente, ao saliente nordestino, que é um trampolim entre a África e os Estados Unidos. Os Estados Unidos, em especial, sabem da importância dessa região nordeste do Brasil para as suas estratégias de defesa no Atlântico Sul.

Vargas também tem outra razão para afastar-se dos italianos: em 1938, um levante integralista financiado por Roma tentou tirá-lo do poder. Em 11 de maio daquele ano, cerca de 80 militantes da Ação Integralista Brasileira, extinta com o advento do Estado Novo, atacaram sem sucesso o Palácio Guanabara. Depois da tentativa frustrada de golpe, cerca de 1.500 integralista – que se cumprimentavam com o braço esticado, exatamente como os nazistas e os fascistas – acabaram presos, alguns foram fuzilados e o seu líder, o escritor, jornalista e político Plínio Salgado, foi exilado em Portugal. Em decorrência do episódio, Vargas colocou as barbas de molho em relação a Mussolini. E, por essas e outras, o presidente, aos poucos, divorciou-se dos regimes aos quais – acreditava-se – pudesse se aliar.(MONTEIRO, 2013, p.12).

Logo após tomar conhecimento dos ataques à Pearl Harbor, o Brasil não rompe as relações com os países do Eixo de imediato, a situação era muito delicada e precisava ser analisada com os devidos cuidados.

Com o passar do tempo, a decisão de rompimento das relações com os países do Eixo foi confirmada em 28 de janeiro de 1942. É a partir desse momento que começa os estranhamentos mais graves entre o Brasil e a Alemanha nazista.

As relações entre Brasil e Alemanha já não iam bem antes mesmo do ataque a Pearl Harbor e do rompimento brasileiro com o Eixo. A primeira controvérsia aconteceu em 22 de março do ano anterior, no Mediterrâneo, quando uma aeronave da *Luftwaffe* – a força aérea nazista – atacou o navio brasileiro Taubaté. De acordo com os alemães, o incidente não teria passado de um engano. Contudo, em depoimento, cinco dias depois, o capitão Mario da Fonseca Tinoco, comandante da embarcação brasileira, afirmou que, ao contrário do que alegavam os nazistas, teria sido fácil identificar a nacionalidade do Taubaté como um navio brasileiro, caso essa fosse realmente a intenção dos atiradores. “Os aviadores podiam ver perfeitamente nossa bandeira nacional pintada em cores vivas de cada lado do costado, e a bandeira brasileira, que ordenei e foi içada na popa, e um lençol branco no galope do mastro grande”, relatou Tinoco, no inquérito aberto pelo Ministério das Relações Exteriores. “Estou tão seguro que do avião podiam avistar os símbolos brasileiros, bem grandes, porque eu mesmo pude ver, embora fosse de dimensões muito menores, as cruces que servem de distintivo à aviação alemã pintadas de cada lado do aparelho”. De acordo com o comandante, o ataque durou cerca de uma hora e dez minutos, o que também comprova que a ação nada teve de equivocada. “Insistiu o avião em suas passagens sucessivas sobre o navio metralhando, de cada vez, com rajadas, os alojamentos e a tripulação que tentava arriar as baleeiras, sobretudo o local onde se achavam.” O “engano” alemão, que resultou na morte do conferente José Francisco Fraga, ainda deixou outros 13 feridos, dois deles com gravidade. Apesar disso, o governo brasileiro manteve a serenidade, colocando panos quentes sobre o assunto (MONTEIRO, 2013, p.25)

Com o rompimento das relações com os países do Eixo em janeiro de 1942, o Brasil acaba se aliando, indiretamente, com os Estados Unidos da América. Mas essa aproximação vai muito além das relações diplomáticas, o Brasil estava ajudando para o esforço de guerra dos EUA, desagradando sobremaneira o Alto Comando da Alemanha nazista.

A imensa maioria dos navios brasileiros parte do País carregada com produtos úteis ao esforço de guerra americano, como borracha, bauxita, ferro, níquel, titânio, manganês, diamantes, cristais de quartzo, berilo, óleos, couros, carnes, laticínios e café. Com 19 diferentes linhas de tráfego naval mercante, o Brasil envia seus produtos para vários portos europeus, inclusive no Mediterrâneo, e para praticamente todas as nações sul-americanas. No entanto, a principal rota dos navios do Lloyd Brasileiro é, sem dúvida, o porto de Nova Orleans, nos Estados Unidos. Assim, considerando que a interrupção das linhas de abastecimento inimigas seja uma das principais estratégias da guerra submarina de Hitler, não é de surpreender que o alto comando alemão tenha ordenado o ataque sistemático dos U-boats aos mercantes brasileiros na rota para o litoral ianque, no Caribe ou mesmo ao norte da Guiana Holandesa. ... para os alemães, além do envio rotineiro de matérias-primas para os Estados Unidos, outro inequívoco sinal de que o Brasil já está engajado no lado aliado é a campanha da borracha. O Exército da Borracha - ‘Avante, soldados da borracha, o Brasil sempre em marcha’, diz um reclame oficial no rádio – está sendo recrutado para extrair látex nos seringais para a produção de pneus e correias de motores e de tanques americanos (MONTEIRO, 2013, p.27).

Com o passar do tempo, porém, uma série de movimentações nos bastidores acabou mudando o modo de pensar do presidente. Apesar da

neutralidade oficial, a verdade é que o País vive um estalo latente de beligerância não declarada à Alemanha e à Itália. Desde o rompimento das relações diplomáticas entre o Rio e o Eixo, em janeiro, um mês depois do ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, submarinos alemães e italianos passaram a torpedear as embarcações nacionais a caminho dos Estados Unidos (MONTEIRO, 2013, p.25).

Vargas sabe que alemães e italianos estão apenas pondo em execução uma determinação tomada antes mesmo do rompimento das relações diplomáticas, em janeiro. À época, diante da iminência de uma adesão maciça dos países sul-americanos ao *front* aliado – as exceções seriam Argentina e o Chile, que decidiram ignorar o ataque a Pearl Harbor, o ditador italiano Benito Mussolini não podia ser mais claro em sua ameaça às nações que tendiam a posicionar-se do lado inimigo: “Os latino-americanos querem uma guerra branca, mas terão uma vermelha.” Na mesma linha, o embaixador alemão no Rio, Karl Ritter, procurou intimidar o Brasil, com o argumento de que o fim das relações diplomáticas significaria um “estado de guerra latente, acarretando provavelmente ocorrências que equivaleriam à eclosão da guerra efetiva”...em junho, o *führer* Adolf Hitler em pessoa avisou o Brasil, por meio de uma transmissão radiofônica, para preparar-se para uma *blitz* submarina. Considerando-se o expressivo número de “enganos” cometidos pelo U-boats, todas as ameaças já pareciam estar sendo cumpridas...o presidente teme que os navios brasileiros possam ser atacados também no quintal de casa (MONTEIRO, 2013, p.29).

A partir de 1942 começa também o reaparelhamento das Forças Armadas, com apoio dos Estados Unidos. No começo de março, os governos brasileiro e americano selaram em Washington um acordo para fornecimento de veículos, armas e munições, num total de US\$ 200 milhões, demonstrando a importância da aproximação dos Estados Unidos para a modernização das Forças Armadas brasileiras, já em 1942. (MONTEIRO, 2013).

Mais cedo ou mais tarde, o Brasil terá de se posicionar e, provavelmente, pegar em armas – e esse momento está muito próximo. O País, que no eclodir da guerra era visto como um potencial aliado do Eixo, devido ao fato de Vargas ser um ditador e não esconder sua simpatia por regimes como os de Hitler e Mussolini, está agora muito inclinado a lutar ao lado das democracias (MONTEIRO, 2013, p.30).

Com o passar do tempo, em 1942, as hostilidades dos submarinos alemães nazistas aos navios mercantes brasileiros aumenta a escalada da crise de relações diplomáticas, visto que o Brasil tinha decidido armar os navios mercantes com peças de artilharia para poderem se defender do ataques dos submarinos.

Uma medida tomada pelo Brasil para resguardar-se em caso de novas perdas de navios contribui para acirrar ainda mais o ânimos. Em março, depois de sofrer as primeiras baixas nas rotas mercantes, Vargas adotou um estado de emergência, publicando um decreto-lei que prevê indenização por atos de agressão. Meses depois, fazendo uso do mesmo decreto, nacionalizou as companhias aéreas Lati (italiana) e Condor (alemã) e confiscou 16 embarcações do Eixo, como forma de compensar as perdas de navios afundados. A decisão provocou protestos enfáticos por parte dos governos de Berlim e Roma (MONTEIRO, 2013, p. 27).

No início de 1942, visando impedir romper a logística realizada no Oceano Atlântico e quebrar a cadeia de suprimento dos países Aliados, as ações dos

submarinos nazistas no Oceano Atlântico são direcionadas para regiões próximas à costa brasileira, e nas rotas dos navios mercantes nacionais. Começa as ações hostis desenfreadas da Alemanha nazista ao Brasil.

Até o fim de julho, os submarinos e aviões do Eixo atingiram 15 navios brasileiros – 13 ataques foram alemães e dois, italianos. Os nazifascistas alegam que as ações realizadas até o momento se deram rigorosamente de acordo com o estabelecido na Convenção de Praças de Guerra, uma vez que os comandantes dos submarinos não puderam identificar as embarcações como neutras. Segundo Berlim e Roma, os mercantes estariam navegando em ziguezague, pintados de cinza e sem nenhuma bandeira que identificasse sua neutralidade, o que, de acordo com as normas estabelecidas na Convenção de Praças de Guerra, lhe dava o direito de atacá-los. Para o Brasil, as explicações do *Reich* para cada novo ataque soam como desculpas esfarrapadas, e os torpedeamentos têm sido recebidos como claras retaliações em função do rompimento de relações diplomáticas pelo Rio. Além de iluminarem as bandeiras da popa e dos costados, os mercantes Buarque, Cabedelo e Olinda – posto a pique pelo Eixo ainda em fevereiro – mantinham as luzes de bordo e navegação acesas. Da mesma forma, as chaminés, também usadas como forma de identificação da nacionalidade, estavam iluminadas. Ou seja, as explicações dadas pelos nazistas não têm consistência, ou pelo menos não tinham, uma vez que, após o afundamento do quinto mercante brasileiro, o Cairu, atacado pelo U-94, as embarcações passaram a navegar equipadas com uma peça de artilharia. Em função do mau tempo que atingiu as baleeiras, 53 pessoas morreram no torpedeamento do navio que viajava às escuras, ao largo da costa leste americana. O choque pelo elevado número de perdas fez o governo brasileiro determinar o uso do armamento militar a bordo (MONTEIRO, 2013, p. 28).

Agora, no campo político, pouco a pouco, tanto brasileiros quanto alemães e italianos deixam cada vez mais escancarado o fato de que Getúlio Vargas já decidiu em qual trincheira pretende lutar. Em 24 de maio, o comandante do submarino alemão U-502, Jürgen von Rosentiel, comunicou o afundamento, em águas caribenhas, do mercante Gonçalves Dias, protegido por uma peça de artilharia, algo que considerou “estranho” para um navio de um país não beligerante. Três dias depois, em resposta ao ataque, o ministro da Aeronáutica brasileiro, Joaquim Pedro Salgado Filho, anunciou sem constrangimento que aviões nacionais haviam atacado submarinos do Eixo. Além da própria gravidade do incidente, que por si já seria suficiente para acirrar os ânimos nazifascistas, um detalhe pareceu ainda mais provocativo para os alemães: as aeronaves do Ministério da Aeronáutica brasileiro, criado há pouco mais de um ano, em 20 de janeiro de 1941, são fornecidas pelos Estados Unidos, que também auxiliam o Brasil na construção de novos campos de aviação. Da mesma forma, o treinamento dos pilotos vem sendo feito pelos norte-americanos. Como se não bastasse, desde 1941, os governos do Rio de Janeiro e de Washington já se movimentam para o estabelecimento de bases americanas em Natal. Antes mesmo do ataque japonês a Pearl Harbor, quatro contratorpedeiros da Força Tarefa 3 (FT3) americana, comandada pelo almirante Jonas Howard Ingram, já faziam uso frequente dos portos de Recife e de Salvador para a manutenção e o reabastecimento dos navios e até mesmo para a recreação de suas tripulações (MONTEIRO, 2013, p.26).

Quando já haviam muitos atritos nas relações entre o Brasil e a Alemanha, em meados de agosto de 1942 os ataques dos submarinos chegam à costa brasileira, atingindo navios de transporte de civis inocentes e também de militares. Uma grave crise diplomática entre Brasil e Alemanha agora eram evidentes.

Pela manhã, a notícia dos torpedeamentos alastra-se pelo País. Tardias em relação aos afundamentos dos três primeiros navios – Baependy, Araraquara e Aníbal Benévolo, ocorridos na noite e na madrugada do sábado para o domingo, a nota do DIP e as manchetes dos jornais do dia não chegaram a tempo de evitar os afundamentos do Itagiba e do Arará, na segunda-feira, mas rapidamente espalham a consternação por todo o território nacional nesta terça-feira, 18. Pela manhã, as emissoras de rádio ainda reproduzem a nota oficial, que aparece em destaque nas capas das maiorias dos jornais. Estarrecidos, os brasileiros procuram avidamente por mais informações. Nas ruas, não se fala de outra coisa. A guerra, que parecia tão distante, bateu à nossa porta – e com toda a sua crueldade (MONTEIRO, 2013, p. 135).

A essa altura, as justificativas e os trâmites diplomáticos bilaterais já pareciam inúteis. Soam como meras manobras para protelar o que se desenha inevitável: a entrada do Brasil na guerra – e no *front* aliado. O País percebe que já começou a pagar a conta por sua aliança não declarada com os Estados Unidos, responsáveis pelo financiamento da Companhia Siderúrgica Nacional, inaugurada no ano anterior, dentro do pacote de trocas de favores políticos, econômicos e militares entre Rio de Janeiro e Washington (MONTEIRO, 2013, p.28 e 29).

Entre 15 e 17 de agosto, Hitler deu a Vargas o empurrão que faltava para que este descesse do muro de sua hesitação. Após o torpedeamento de cinco navios na costa nordestina, em intervalo de menos de 72 horas, o povo tomou as ruas e exigiu a entrada do Brasil na guerra. Por todo o território nacional, estudantes, sindicalistas, políticos e empresários manifestaram sua revolta contra os atentados. Em várias cidades, empreendimentos comerciais pertencentes a imigrantes do Eixo foram depredados. Placas com nomes italianos foram arrancadas e bandeiras nazistas, queimadas em praça pública. No Rio de Janeiro, estudantes passaram a perseguir os colegas de origem italiana, alemã e japonesa. Sem saída, Getúlio Vargas declarou estado de beligerância ao Eixo em 22 de agosto. Curiosamente, repetia-se o roteiro de 1917, quando, depois de ataques de submarinos alemães a vapores brasileiros, o País decidiria entrar na Primeira Guerra Mundial. Na ocasião, forçado por uma imensa revolta popular, o presidente Venceslau Brás aptou pela trincheira aliada. Com o orgulho novamente ferido por um U-Boot, o Brasil abandonou definitivamente a neutralidade e, em 31 de agosto, declarou guerra à Alemanha e à Itália (MONTEIRO, 2013, p.3).

O Brasil foi vítima sim de atentados covardes e traiçoeiros, mas levando-se em conta a postura do governo brasileiro, tais ataques nunca poderiam ser classificados, como foram, de inesperados (MONTEIRO, 2013). A contabilidade final dos ataques aos cinco navios brasileiros: 607 mortos (270 no navio Baependy, 131 no navio Araraquara, 150 no navio Aníbal Benévolo, 36 no Itagiba e 20 no Arará).

A população, a mídia e as instituições públicas e privadas brasileiras demonstram extrema revolta pelos ataques covardes as embarcações brasileiras, e pressionam o governo para uma resposta enérgica proporcional.

Pouco depois da divulgação da nota oficial do governo, a revolta começa a ganhar as ruas do País, principalmente em Aracaju e Salvador, as capitais indiretamente envolvidas nos incidentes. Na Bahia, acontecem vários comícios, com diversos oradores, em sua maioria gente de algum destaque na sociedade soteropolitana. Falam das sacadas, como se fossem palanques improvisados, para aglomerações de populares

alvorçados e sedentos por informações e, principalmente, instruções sobre como agir diante do ocorrido (MONTEIRO, 2013, p.131).

Os diários também afirmam que a reação brasileira diante dos torpedeamentos fora rápida, quase instantânea. Com a publicação de uma série de informações vagas, o objetivo é passar à opinião pública a ideia de que o Brasil não ficara de braços cruzados assistindo à morte de seus cidadãos. ... Editoriais como o do jornal *O Globo*, condenando duramente os ataques perpetrados por Hitler às embarcações brasileiras, ajudam a espalhar o sentimento de revolta entre os brasileiros...(MONTEIRO, 2013, p. 136).

Outras manifestações, no entanto, vão além da simples demonstração de pesar, exigindo represálias e evidenciando um sentimento que começava a tomar conta das ruas. Ainda na capital federal, durante sessão ordinária do Conselho Federal da Ordem dos Advogados, o professor Haroldo Valadão apresenta, em nome da delegação paulista, a seguinte proposta: 'O Conselho da Ordem Federal dos Advogados, reunido hoje, solidário como o profundo sentimento de revolta da nação, diante do novo e gravíssimo ultraje praticado contra o Brasil, confia nas mais enérgicas providências do governo para pleno desagravo da honra da bandeira e independência nacional (MONTEIRO, 2013, p.158)

Países vizinhos e amigos se solidarizam com o Brasil, após os ataques dos submarinos alemães na costa brasileira, inflando ainda mais a revolta pelos acontecimentos e a necessidade de vingança. De todos os cantos do mundo, chegam telegramas de solidariedade ao governo do Rio de Janeiro. Também se solidarizam os EUA, Colômbia, entre outras nações do continente. Apenas a Argentina e Chile não se manifestam sobre os ataques.

Aos poucos, novas informações, detalhes e até imagens dos naufrágios vão surgindo. Nesse aspecto, a lentidão com que as notícias se espalham nos dias posteriores aos ataques acaba sendo também determinante para que a população não esmoreça sem sua pressão pela declaração de guerra. A cada nova foto, a cada novo relato doloroso publicado nos jornais, cresce a revolta popular em busca de vingança (MONTEIRO, 2013, p. 187).

As revoltas crescem e manifestações populares tomam as ruas e o Palácio Guanabara no Rio de Janeiro, fazendo pressão por uma declaração do então presidente Vargas e também do então Ministro da Guerra, o general Eurico Gaspar Dutra.

Logo após o meio-dia, cerca de 18 mil pessoas – em sua maioria, estudantes e trabalhadores marítimos – se aglomeram em frente ao Palácio Guanabara, no Rio de Janeiro, residência oficial do presidente Getúlio Vargas. Mas do que levar sua solidariedade e demonstrar a consternação que toma conta do País, o povo exige uma retaliação à altura das agressões sofridas nas águas nordestinas. Vargas ordena a abertura dos portões do jardim, e apesar da grande exaltação, a multidão ingressa na propriedade oficial em perfeita ordem, aplaudindo demoradamente o chefe de Estado, que decide aparacer na sacada. Falando de improviso, Vargas manifesta o seu pesar e garante que tomará as medidas necessárias para que os agressores não fiquem impunes. Em tom determinado, o presidente promete que os cidadãos – estrangeiros ou não – que contribuíram para o afundamento dos navios brasileiros serão levados para campos de concentração ou irão trabalhar a serviço do Brasil. ... Vargas também procura levantar o moral da população,

afirmando que, apesar de seriamente atingido, o País não irá se vergar diante dos ataques totalitários. 'Tais ocorrências não afetam o coração do Brasil, porque o Brasil é imortal', discursa o presidente, para a euforia do povo lá embaixo, nos jardins. Ao final do discurso, entre lágrimas, a menina Ana Maria, filha do comandante do Baependy, João Soares da Silva, ainda desaparecido, entrega ao presidente uma bandeira do Brasil. Mais do que uma mensagem de apoio, o ato é um pedido de justiça. Emocionada, a multidão aplaude por vários minutos (MONTEIRO, 2013, p.159).

Às 17 horas, a multidão cerca o Ministério da Guerra. Minutos depois, o ministro general Eurico Gaspar Dutra aparece em uma das sacadas, acompanhado do general Silva Júnior e de diversos oficiais. Dutra também se dirige ao povo, assegurando que o País reagirá como força e determinação (MONTEIRO, 2013, p. 162).

A imprensa em geral explora os acontecimentos referentes aos ataques dos submarinos alemães, dramatizando a história de uma menina que tinha sobrevivido a um dos ataques. Essa história da menina, que mais tarde verificou-se que tinha sido apresentada ao público de uma forma deturpada, contribui ainda mais para a ânsia da declaração de guerra.

O *Diário da Bahia* contribui para a comoção nacional ao estampar a foto de Walderez Cavalcante, sentada em uma cama do Hospital Português, em Salvador, acompanhada de uma enfermeira. Com o braço quebrado, a garotinha é a própria imagem do Brasil agredido, embora o machucado no braço nada tenha a ver como naufrágio – aconteceu durante uma brincadeira já em terra firme – e sua estada no hospital tenha sido apenas para ver o pai, este sim internado, com uma fratura na bacia. 'A expressiva fotografia mostra a pequenina naufraga recebendo curativos de uma irmã de caridade do Hospital Português, enquanto que os seus dedinhos fazem o 'V' da vitória, que não poderá deixar de vir', diz a legenda. Nas semanas seguintes, uma reportagem em vídeo produzido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda após o naufrágio do Itagiba de cinema em todo o território nacional. A intenção, claramente, seria aumentar a ira popular contra os alemães, justificando a entrada do Brasil na Segunda Guerra. 'Atirada ao mar como a explosão do torpedo (Walderez) conseguiu agarrar-se a uma caixa vazia, ficando assim, ao sabor das ondas, até ser salva', dizia a narração (MONTEIRO, 2013, p.188).

"Depois de 'agressão', 'atentado', 'covardia' e 'revolta', a palavra da vez em todo o País é 'guerra'. É isso o que os brasileiros parecem querer em todos os cantos do território nacional. Só uma declaração desse gênero pode aplacar os ânimos. É um caminho sem volta" (MONTEIRO, 2013, p.192).

A tão esperada declaração de beligerância veio no dia 22 de agosto de 1942, e nove dias depois, a declaração de guerra em 31 de agosto de 1942, assinadas pelo presidente Getúlio Vargas.

Nove dias depois do estado de beligerância, na segunda-feira (31), o governo brasileiro declara estado de guerra contra a Alemanha e a Itália. Diante da rápida escalada de hostilidades dos últimos 15 dias, a notícia não surpreende. Trata-se de mera formalidade. Agora, além de reconhecer a beligerância com o Eixo, a nova declaração indica apenas que o Brasil não deverá ficar em uma posição defensiva. Ao contrário: está disposto a pegar em armas. A nova situação é oficializada pelo Decreto 10.358, que dá amplos poderes ao presidente e suspende uma série de

artigos da Constituição, como 'o direito de manifestação de pensamento' (MONTEIRO, 2013, p.228).

3.3 FONTE: JOAQUIM XAVIER DA SILVEIRA

Segundo o autor brasileiro Joaquim Xavier da Silveira, autor do livro "O Brasil na guerra e sua expressão máxima: a FEB" temos as seguintes informações:

O crescimento da influência nazista na América cresceu também em alguns círculos militares. Em 1941 já havia, na área militar, algumas trocas de informações entre o Brasil e os EUA, mas ainda não havia uma definição sobre qual lado o Brasil deveria se aliar. O governo brasileiro manteve absoluta neutralidade até 1941, mas sofria pressões tanto dos EUA como da Alemanha para que alinhasse economicamente e politicamente. A pressão da Alemanha advinha, principalmente, das colônias de imigrantes italianos e alemães que se estabeleceram no Sul do país. Em muitas dessas colônias, a minoria da população local era de brasileiros (SILVEIRA, 1994).

Em meados de 1941, já em plena guerra europeia, os planejadores militares dos Estados Unidos convenceram-se de que a Alemanha e seus aliados só poderiam conseguir a vitória com o domínio dos mares, particularmente o Atlântico. Em consequência dessa conclusão, o Presidente Roosevelt determinou a transferência de parte da esquadra do Pacífico para o Atlântico, via Canal do Panamá, e essa decisão estratégica, tomada no dia 22 de maio, foi comunicada ao Embaixador Caffery, que a transmitiu ao Chanceler brasileiro Oswaldo Aranha (SILVEIRA, 1994, p.17)

Outro fator é o posicionamento, em relação ao conflito, da Argentina, país vizinho ao Brasil, que estava adquirindo armas na Europa, e que tinha certo alinhamento ideológico com os Países do Eixo, entre outros interesses, tendo potencial para ameaçar a soberania do país. Após os ataques a Pearl Harbor, o Brasil rompe relações com o Japão em janeiro de 1942, irritando os alemães.

A dissidência da Argentina não era, porém o único problema do Chanceler Oswaldo Aranha: no front interno, surgiram antagonismos contra a ruptura diplomática com as nações inimigas. O General Goís Monteiro, Chefe do Estado-Maior do Exército, dirigiu-se oficialmente ao Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, apresentando os motivos da inconveniência do rompimento; o Brasil não estava preparado militarmente e não tinha condições de se defender de um ataque bélico. O Ministro da Guerra, respaldado em seu apoio aos Estados Unidos, declarou de forma franca na reunião do Ministério (8 de dezembro de 1941), sentiu-se à vontade para acatar as objeções de ordem técnica e, em longo e pormenorizado documento dirigido ao Presidente Vargas, defendeu os argumentos do General Goís Monteiro. ... Apesar dos antagonismos surgidos inesperadamente, na alta esfera do Governo, da campanha movida pela quinta coluna, e das manobras de bastidores realizadas pelos representantes das nações do Eixo, o Brasil, em 28 de janeiro, pela voz de Oswaldo Aranha, rompeu relações diplomáticas com o Japão, pela agressão aos Estados Unidos. ... O alinhamento do Brasil, junto com as demais nações americanas, e a cessão das bases do Norte/Nordeste, provocaram uma profunda irritação no Chefe do Governo alemão, e a vontade de retaliar o nosso país. A cessão das bases foi, certamente, a

maior contribuição brasileira aos países aliados, em termos estratégicos (SILVEIRA, 1994, p.20 e 21)

3.4 FONTE: FERNANDO LOURENÇO FERNANDES

Segundo o autor brasileiro Fernando Lourenço Fernandes, autor do livro “A estrada para Forno: a FEB, outros exércitos e outras guerras na Itália, 1944-1945” temos as seguintes informações:

A influência dos EUA, culturalmente, dentro do território brasileiro, fez com que Vargas aprofundasse iniciativas no terreno da educação pública para estabelecer uma consciência patriótica. Foi incluída a obrigatoriedade nas escolas do canto orfeônico, para a evocação cívica e exortação à defesa nacional. Entre os mais cantados, encontrava-se o ‘Deus Salve a América’, a respeito do qual muita gente pensava tratar-se do próprio hino dos Estados Unidos (FERNANDES, 2009).

Além disso, a influência americana já se mostrava presente na área militar do Brasil, procurando assim uma melhor preparação para que pudesse participar da guerra.

Sete meses depois, em maio de 1944, tropas do primeiro escalão da FEB desfilavam no Rio de Janeiro com fardamento de padrão novo – bem diferente daquele uniforme ‘francês’ adotado pelo Exército – em viaturas militares modernas, ao estilo das unidades americanas que todos viam nos cinejornais. Ganharam ânimo as expectativas do público (FERNANDES, 2009, p.33).

3.5 FONTE: JOÃO BATISTA MAGALHÃES

Segundo o autor brasileiro João Batista Magalhães, autor do livro “A evolução militar do Brasil” temos as seguintes informações:

Com a declaração de guerra, houve consequências para o Exército Brasileiro, que naquela época não estava preparado para participar de uma guerra aos moldes da Segunda Guerra Mundial, obrigando ao afastamento da doutrina militar francesa para se aproximar da doutrina militar americana.

Então, já vai longe a influência da Missão Militar Francesa. Em 1942, o nazismo, contando com incompreensíveis simpatias em nosso meio tipicamente mestiço, ataca o Brasil, forçando-o a entrar na guerra ao lado dos Aliados, cujo elemento central e decisivo era os Estados Unidos. Constitui-se então uma comissão mista brasileiro-americana, cujo germe fora lançado aqui desde um ano antes, 1941, por imposições lógicas e necessárias da política internacional. Surge a organização da FEB e há outras providências em acordo com os Estados Unidos, não obstante certas resistências. A partir de então, processa-se considerável reforma nas instituições do Exército e na regulamentação de suas atividades. Abandonam-se, mais ou menos, as tradições francesas. Adora-se uma réplica, mais ou menos, do mecanismo americano, tal qual já fora feito em épocas anteriores em relação à Alemanha e França! É o embate sobre o Brasil da Segunda Guerra Mundial (MAGALHÃES, 1998, p. 366).

3.6 FONTE: JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES

Segundo o autor brasileiro João Baptista Mascarenhas de Moraes, autor do livro “A FEB pelo seu comandante” temos as seguintes informações:

Com a situação da Europa piorando e as ameaça do Países do Eixo a América, em julho de 1940, foi realizada uma nova Reunião de Consulta dos Chanceleres, desta vez em Havana (Cuba). Nesta conferência, conhecida como Conferência de Havana, e que o Brasil participou, foi acordado que “todo atentado de Estado não-americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território, contra a soberania ou independência política de um Estado americano será considerado como ato de agressão contra os estados que firma esta declaração” (Moraes, 2005). O Brasil acatou o acordo e todos os seus termos integralmente, sendo parte, a partir desse momento, de uma força de defesa de todo o continente americano.

Na manhã de 7 dezembro de 1941, ocorre o ataque japonês à base naval norte-americana de Pearl Harbor, no Oceano Pacífico. Chega o momento para colocar em prática os acordos firmados na Conferência da Havana.

Mais tarde, em 7 de dezembro de 1941, explodiu a incrível ignomínia de Pearl Harbor. Em face desse nefando crime do Mikado, o Governo do Brasil, honrando seus compromissos no plano internacional e em justa solidariedade com os Estados Unidos da América do Norte, anunciou, em data de 28 de janeiro de 1942, durante a Terceira Reunião dos Chanceleres, o rompimento de suas relações com a Alemanha, o Japão e a Itália. Os atos com que o Brasil efetivou essa ruptura de ligação com os governos de Hitler, Hirohito e Mussolini revelaram, de maneira irrefragável e desde as primeiras horas, a decisão de prevenir-se contras as agressões eixistas em iminência de serem desencadeadas neste hemisfério (MORAES, 2005, p.24)

3.7 ENTREVISTA: CORONEL R/1 ANDRÉ CEZAR SIQUEIRA

Segundo entrevista realizada com o Coronel André, o entrevistado afirma que tudo aquilo que levou o Brasil a participar da Segunda Guerra Mundial começa no início da década de 1930, onde os EUA emergem como a grande potência mundial após o fim da 1ª Guerra Mundial em 1917, e com da ideia da Doutrina Monroe do século XIX. Além disso, o entrevistado acrescenta que o partido nazista cresceu depois da crise econômica mundial de 1929 (pós-guerra), e que com sentimento da destruição da Alemanha ao fim da 1ª Guerra Mundial, fazendo com que o partido nazista chegasse ao poder em 1933 pelo voto popular dos alemães.

O entrevistado afirma também que a Alemanha também tinha interesses em expandir economicamente na América do Sul, particularmente no Brasil, pois o nosso país possuía colônias de imigrantes no Sul somando cerca de 1 milhão de alemães e seus descendentes. Getúlio Vargas percebeu rápido essa disputa de alianças e acaba, geniosamente, cooperando com ambos os lados, agradando a

opinião civil e militar. Segundo o entrevistado, é nesse momento genial de Vargas, jogando tanto com os EUA e tanto com a Alemanha, que o presidente verifica qual dos dois seria mais favorável para atender os interesses dos brasileiros.

Segundo o entrevistado, a visão de Getúlio Vargas, além de criar uma base industrial brasileira, era modernizar as Forças Armadas do Brasil, tendo como participação nesse processo o General Goés Monteiro e Oswaldo Aranha, e que os recursos para a construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda foram definidas em 1940, quando os americanos acenam para Getúlio Vargas com possibilidade de alocar recursos para o Brasil, visto que a siderurgia é a base industrial de um país. Em troca, os americanos, enxergando a possibilidade de entrar no conflito, mais cedo ou mais tarde, queriam ter suas bases no nordeste do Brasil e com isso Getúlio Vargas faz a “grande barganha”;

Segundo o entrevistado, a partir do momento que a Alemanha percebe que o Brasil estava ajudando no esforço de guerra dos aliados, como todos aqueles insumos que os americanos necessitavam, principalmente borracha, cacau, minério de ferro, eles precisavam coibir toda essa logística e acabaram por mandar os submarinos alemães para o Atlântico Sul para se defender, não interessando se os alvos eram brasileiros ou não.

Para o entrevistado, a declaração de guerra aos países do Eixo foi um processo natural, após a comoção com os ataques dos submarinos na costa brasileira.

Por fim, segundo o entrevistado, Getúlio Vargas tinha essa ideia de participar da Segunda Guerra Mundial com a FEB (criada só em 1943, um ano depois da declaração de guerra) para receber material bélico dos EUA e modernizar as Forças Armadas Brasileiras, que ainda estavam presas a doutrina francesa. Ressaltou que o Brasil não recebeu nada de graça durante esse período de guerra, tudo foi devidamente pago aos EUA, nada foi de presente (aviões, material bélico, etc).

3.7 DEMAIS FONTES DE CONSULTA

Com relação as demais fontes de consulta, em seus conteúdos não foram encontradas informações precisas sobre os motivos que levaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial, mas elas permitiram que este pesquisador pudesse entender melhor o contexto histórico daquela época e a figura de Getúlio Vargas, ajudando a direcionar as fontes de consulta e a conhecer outras fontes para a realização deste trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto às questões de estudo e objetivos propostos no início deste trabalho, conclui-se que a presente investigação atendeu ao pretendido, ampliando a compreensão sobre os motivos que levaram o Brasil a declarar guerra aos países do Eixo, e o que isso contribuiu para o Exército Brasileiro.

Conclui-se que o Governo Vargas manteve uma neutralidade inicial, antes do conflito, com o objetivo de ter os maiores ganhos possíveis em termos econômicos devido a conjuntura em que se encontrava o mundo naquele momento.

Também conclui-se da mesma maneira de que Moura (1980) que os maiores ganhos do governo Vargas ocorreram no período em que deixou de manter a neutralidade aparente e se aliou ao EUA, mas que as decisões de aliança e acordos não se realizaram segundo somente a vontade dos americanos.

Conclui-se que o Brasil optou por se aliar aos EUA, devido a modo norte-americano de viver, a cultura norte-americana e ao pensamento norte-americano de democracia, sendo muito mais atraentes e mais fortes que o do regime da Alemanha nazista naquele contexto histórico, apesar desse último regime ter sido considerado um plano “B” para o futuro do Brasil.

A compilação de dados permitiu identificar que, reafirmando o que disse o entrevistado Coronel André, o Brasil correu um grande perigo naquela época da Segunda Guerra Mundial, pois dentro do Brasil existia um partido nazista, colônias gigantescas no Sul do país, uma influência muito forte da Ação Integralista Brasileira vinda do fascismo de Mussolini. Também afirmou o entrevistado que caso o Brasil continuasse neutro em relação ao conflito, o país corria um grande risco de perder uma parte do seu território no nordeste para a Alemanha nazista ou como parte de uma negociação forçada com o próprio EUA (os EUA tinham planos de tomar parte do nordeste Brasileiro, sem a permissão do governo brasileiro, para impedir o avanço dos nazistas em continente americano, caso viesse a acontecer).

Conclui-se também que, logicamente, os ataques dos submarinos a navios brasileiros na costa brasileira foi o empurrão final para que o Brasil se decidisse sobre qual lado da guerra iria se aliar. Os ataques dos submarinos marcaram sobremaneira toda a população, por terem sido ataques covardes a embarcações civis, matando mulheres e crianças, e por esse motivo houve grandes movimentações sociais que pressionaram o governo brasileiro a se manifestar, corroborando para que o lado dos aliados (EUA) fosse mais coerente com a situação.

A revisão de literatura possibilitou concluir que, reafirmando conforme trecho de Lochery (2015, p.10) “A guerra levou o nascimento do Brasil moderno e à sua ascensão como uma das potências econômicas mundiais”.

Dessa forma, entende-se que as consequências da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foram:

- a modernização das Forças Armadas brasileiras, permitindo assim a atualização de suas doutrinas militares;
- Avanços na infraestrutura de transportes com a construção de novos aeroportos e portos;
- O desenvolvimento industrial brasileiro, transformando o Sudeste no polo industrial do Brasil.

No que se refere as consequências para o Exército Brasileiro com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, este autor compartilha da mesma ideia do Coronel André (entrevistado), que as consequências foram a modernização geral das Forças Armadas, passando seguir um modelo de doutrina militar norte-americana, e a herança do pragmatismo americano, diferenciada da cultura francesa. Como por exemplo a modernização dos estudos políticos, estratégicos e operacionais da Escola de Estado-Maior do Exército Brasileiro – ECEME, alinhado com as visões da doutrina norte-americana.

Outro aspecto foi de enxergar o valor do soldado brasileiro em combate, reconhecidamente de grande capacidade defronte todas as dificuldades encontradas, sempre tentando fazer o melhor possível, tendo essa virtude atestada pelo próprio país aliado, os EUA, conforme relatos históricos da Segunda Guerra Mundial, tornando o soldado brasileiro diferenciado de militares de outros países.

Para finalizar o presente estudo, segue em anexo a Solução Prática, com um quadro cronológico, como forma de resumir os acontecimentos que levaram o Brasil a entrar na Segunda Guerra Mundial.

ANEXO – SOLUÇÃO PRÁTICA

Como forma de solução prática da presente pesquisa, segue abaixo um quadro com a cronologia dos fatos que levaram a escalada da crise no Brasil, no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial:

CRONOLOGIA – ESCALADA DA CRISE O BRASIL NA 2ª GUERRA MUNDIAL		
Período Data	Acontecimentos	Nível de violência
1930 a 1938	<p>Consolidação do regime de Getúlio Vargas</p> <p>Preocupação dos EUA referente ao alinhamento ideológico do Brasil com o nazismo alemão</p> <p>Getúlio Vargas sofre pressões internas e externas para aproximações com os regimes nazistas e fascistas</p> <p>Sólido alicerce dos EUA dentro do governo brasileiro, através do ministro do Exterior Oswaldo Aranha</p>	PAZ ESTÁVEL
1938	<p>Atritos do governo brasileiro com o embaixador alemão Ritter</p> <p>Ataque ao Palácio Guanabara de um levante integralista, financiado por Roma, para tentar derrubar Getúlio Vargas do poder</p>	
Set 1939	<p>Eclosão da Segunda Guerra Mundial na Europa</p> <p>Brasil se mantém na neutralidade</p>	
1940	Brasil se mantém na neutralidade	
Jul 1940	Convenção de Havana. O Brasil se solidariza com as deliberações, para a defesa de todo continente americano	
22 Mar 1941	Incidente com navio brasileiro. Ataque de uma aeronave da <i>Luftwaffe</i> (força aérea nazista) a embarcação brasileira “Taubaté”, no Mar Mediterrâneo.	
1941	<p>Conversações entre o Brasil e os EUA na área militar</p> <p>Criação do Ministério da Aeronáutica e da Força Aérea Brasileira, como participação decisiva do EUA</p> <p>Transferência do Pacífico para o Atlântico de parte da esquadra da marinha do EUA, devido a preocupação com o saliente nordestino brasileiro</p>	
7 Dez 1941	Ataque japonês a base naval americana de Pearl Harbor	
28 Jan 1942	<p>O Brasil declara rompimento das relações com os países do Eixo</p> <p>Início dos estranhamentos entre o Brasil e a Alemanha nazista</p> <p>Cessão de bases americanas no saliente do nordeste brasileiro</p> <p>Aproximação cerrada do Brasil-Estados Unidos</p>	PAZ INSTÁVEL

<p>Mar 1942</p>	<p>O Brasil coopera com os EUA no esforço de guerra, com navios carregados de borracha entre outros itens, desagradando sobremaneira o Alto Comando da Alemanha nazista</p> <p>Início das ações hostis de submarinos no Oceano Atlântico e posteriormente na costa Brasileira</p> <p>Getúlio Vargas decreta estado de emergência, após alguns ataques a navios brasileiros, prevendo também a indenização pelos atos de agressão para compensar as perdas</p>	<p style="background-color: yellow; text-align: center;">CRISE</p>
<p>Jun 1942</p>	<p>Hitler ordena os ataques aos navios mercantes na costa brasileira.</p>	
<p>Jul 1942</p>	<p>Até julho de 1942, 15 navios brasileiros já haviam sido atacados, dos quais 13 foram ataques alemães e 2 foram ataques italianos</p> <p>O Brasil decide armar os navios mercantes para se defender de possíveis ataques de submarinos nazistas</p>	
<p>1942</p>	<p>Reaparelhamento das Forças Armadas Brasileiras, com o apoio dos EUA, perfazendo um total de U\$ 200 milhões.</p>	
<p>Ago 1942</p>	<p>Torpedeamento de 5 navios brasileiros, em um intervalo de menos de 72 horas, na costa Brasileira (Sergipe), ceifando a vida de mais de 600 pessoas, incluindo mulheres e crianças</p> <p>Uma revolta nacional toma conta do Brasil, há depredação de comércios pertencentes a imigrantes do Eixo</p> <p>Manifestações em todo o país, com estudantes, sindicalistas, políticos, empresários e a mídia pedindo resposta do governo Brasileiro ao covarde ataque dos nazistas</p> <p>Aglomerações no Palácio Guanabara, com um discurso do presidente Getúlio Vargas garantindo uma resposta aos covardes ataques, e no Ministério da Guerra, com um discurso do ministro general Eurico Gaspar Dutra, também prometendo providências em relação aos fatos</p> <p>Chegam as mensagens de solidariedade dos países do continente americano, inflando ainda mais as revoltas populares pelos acontecimentos e a necessidade de vingança</p>	<p style="background-color: orange; text-align: center;">CRISE</p>
<p>22 Ago 1942</p>	<p>Getúlio Vargas decide declarar Estado de Beligerância</p>	
<p>31 Ago 1942</p>	<p>Getúlio Vargas, oficialmente, declara guerra contra a Alemanha e a Itália</p>	<p style="background-color: red; text-align: center;">GUERRA</p>

Jan 1943	Getúlio Vargas encontra-se com o presidente dos EUA Roosevelt, em Natal-RN	
Nov 1943	Criação oficial da Força Expedicionária Brasileira – FEB	
1944 a 1945	Envio de tropas da Força Expedicionária Brasileira para os campos de batalha na Itália, contra a Alemanha nazista Inúmeras batalhas da tropa brasileira no <i>front</i> europeu	
1945	Vitória dos Aliados e da FEB na Segunda Guerra Mundial Fim da Segunda Guerra Mundial	FIM DA GUERRA

QUADRO 3 – Cronologia da Escalada da Crise – O Brasil na Segunda Guerra Mundial

Fonte: O autor

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Pedro Cordolino F. de. **História militar**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 1968.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. **O Brasil na II grande guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

FERNANDES, Fernando Lourenço. **A estrada para Forno: a FEB – Força Expedicionária Brasileira, outros exércitos & outras guerras na Itália, 1944 – 1945**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LOCHERY, Neill. **Brasil: os frutos da guerra**. Tradução: Lourdes Selte. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

MAGALHÃES, João Batista. **A evolução militar do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

MCCANN, Frank D. **Aliança Brasil-Estados Unidos, 1937/1945**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

MONTEIRO, Marcelo. **U-507: o submarino que afundou o Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2013.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **A FEB pelo se comandante / João Baptista Mascarenhas de Moraes**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, Ed., 2005.

MOURA, Gerson. **Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1980.

SILVA, Ernani Ayrosa da. **Memórias de um soldado**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 1985.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1989.

_____. **O Brasil na Guerra e sua expressão máxima: a FEB**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 1994.